

Desterritorização melancólica: uma leitura do personagem Kaushik em *Terra descansada*, de Jhumpa Lahiri[†]

Marcelo Camilo Bezerra dos Santos (UEPB)*
ORCID 0000-0002-0024-3569
José Vilian Mangueira (UEPB)**
ORCID 0000-0002-6683-3545

Resumo: Das considerações sobre melancolia nos escritos de Aristóteles (340 a.C.) à Teoria Humoral de Hipócrates, até os conceitos de psicologia de Sigmund Freud (1917), o artigo pretende fazer uma leitura da melancolia no personagem Kaushik de *Terra Descansada*, de Jhumpa Lahiri através de seus dilemas de não-pertencimento e sua incapacidade de construir raízes em alguma pátria, discutindo também suas manifestações de nostalgia. Nossa teoria é articulada por Sigmund Freud (1917), Moacyr Scliar (2008/09), Chico Viana (2013), os quais conceituam a manifestação da melancolia. Stuart Hall (2006), Fernando Custódio (2013), Srjoni Rahman (2017), ajudam no diálogo a respeito dos embates culturais e da ruptura da identidade nativa do personagem nos contos. Chevalier & Gheerbrant (2009) e Bachelard (1997), apresentam simbolismo sobre a água presente nas narrativas.

Palavras-chave: Melancolia; Nostalgia; Diáspora; Kaushik

Abstract: From Aristoteles' writings (340 a. C.) to Hippocrates' humoral theory, to the Sigmund Freud's psychological concepts (1917), the melancholy was understood, discussed and defended as sickness and symptoms in which the sick person presented several characteristics as sadness, somnolence, loneliness, prostration, jealousy, etc. Taking in consideration all that, this work aims to do a reading of the melancholy of the character Kaushik using from Jhumpa Lahiri's *Terra Descansada*, through his dilemmas of not belonging and his incapacity of building up roots in any country, taking also in consideration his manifestations of nostalgia which are entirely related to the character's difficulty to overcome the grief caused by his mother's death, Parul Di. Concerning our theoretical basis, we use Sigmund Freud (1917), Moacyr Scliar (2008/09), and Chico Viana (2013), to conceptualize and discuss about the history of melancholy; furthermore, we use authors as Stuart Hall (2006), Fernando Custódio (2013) and Srjoni Rahman (2017), to dialogue about the cultural struggles and the break with the native identity of the character on the narratives.

Keywords: Melancholy; Nostalgia; Diaspora; Kaushik

Resumen: De los escritos de Aristóteles (340 a. C.) a la Teoría Humoral de Hipócrates, hasta los conceptos de psicología de Sigmund Freud (1917), la melancolía fue vista, discutida y defendida como enfermedad y síntomas en los cuales los enfermos presentaban inúmeras características, tales como tristeza, somnolencia, soledad, abatimiento, celos, etc. A partir de esas consideraciones, el presente artículo tiene el objetivo de hacer una lectura de la melancolia del personaje Kaushik a través de sus dilemas de no pertenencia y de su incapacidad de construir raíces, dando enfoque también a sus manifestaciones de nostalgia, las cuales están completamente relacionadas con la dificultad del personaje de superar el duelo por la muerte de su madre, Parul Di. En lo que se refiere a nuestro aporte teórico, apelamos a Sigmund Freud (1917), Moacyr Scliar (2008/09) y Chico Viana (2013) para conceptualizar y discutir la historia de la melancolia. Además, también dialogamos con autores como Stuart Hall (2006), Fernando Custódio (2013) y Srjoni Rahman (2017), para tratar de los embates culturales y de la ruptura de identidad nativa del personaje en los cuentos.

Palabras-clave: Melancolía; Nostalgia; Diáspora; Kaushik

Recebido em: 16 fev. 2021 | Aprovado em: 01 maio 2021

[†] Este trabalho é fruto das discussões do projeto de pesquisa PIBIC intitulado “Laços de família: relações familiares e de pertencimento nos três contos de “Parte II – Hema e Kaushik”, de *Terra descansada*, de Jhumpa Lahiri”

* Graduando em Letras/Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: marceloketch8@hotmail.com.

** Doutor em Letras e professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: vilian_mangueira@yahoo.com.

1. Introdução

A escritora Jhumpa Lahiri, nascida em 11 de julho de 1967, inglesa e ratificada nos Estados Unidos, é uma grande proeminente voz para falar sobre imigrantes e sobre as figuras que enfrentam exteriormente e interiormente a dualidade e o embate das culturas que vivenciam. Portadora de um talento bruto para representar em suas narrativas a grande questão pelas os quais os imigrantes passam, lançou seu primeiro livro *Interpretes de Males* em 1999, sendo indicado e vencedor do prêmio Pulitzer na categoria melhor livro de ficção em 2000. Já em 2007, ela lançara sua segunda obra: *O Xará*, que foi, quatro anos mais tarde, adaptada para cinema por uma cineasta Indiana. No ano seguinte, apresentava a todos *Terra Descansada*, uma coletânea de oito contos divididos em duas partes.

O livro *Terra Descansada*, traduzido por Fernanda de Abrel e publicado pela Companhia das Letras em 2009, é dividido em duas partes. A primeira delas é composta por cinco contos: “Terra descansada”, “Inferno-céu”, “Opções de acomodação”, “Só bondade” e “Da conta de ninguém”. E a segunda parte traz uma sequência de três narrativas, intitulada “Parte II – Hema e Kaushi: “Uma vez na vida”, “Fim de ano” e “Em terra”. Estes três contos nos trazem como foco as relações de duas famílias de imigrantes que deixaram a Índia para morar e tentar uma nova vida nos Estados Unidos (EUA).

Neste novo espaço, essas famílias de primeira e segunda geração lidam com o embate cultural de costumes de sua antiga terra com o seu novo local de morada. Enfrentando dilemas que expõe a fragilidade das relações, dois jovens de ascendência bengalesa, Hema e Kaushik, compartilham um fato em comum, que mantém um vínculo singular entre ambos: tanto Hema quanto Kaushik parecem não conseguir criar raízes fixas para se estabilizar em definitivo em suas relações sociais.

Levando em conta essa última observação sobre os dois protagonistas das narrativas, o presente artigo tem o objetivo de fazer uma análise da melancolia no personagem Kaushik através de seus dilemas de não pertencimento e da sua incapacidade de construir raízes, dando enfoque também para suas manifestações de nostalgia, as quais estão inteiramente relacionadas com a dificuldade do personagem em superar o luto pela morte de sua mãe, Parul Di Mashi. Assim sendo, propõe-se uma análise evidenciando esses elementos dentro do texto, enfatizando os três contos da segunda parte da obra: “Uma vez na vida”, “Fim de ano” e “Em terra”. No que se refere ao nosso embasamento teórico, faremos uso de Sigmund Freud (1917), Chico Viana (2013), Moacyr Scliar (2008) Stuart Hall (2006), Fernando Custódio (2013). Srjoni Rahman (2017), entre outros.

Nos três contos da segunda parte é totalmente notável os elementos de melancolia e dessa dificuldade em se fixar por definitivo do protagonista masculino. Para um melhor entendimento do enredo dessas narrativas, faremos um rápido resumo delas. “Uma vez na vida” nos introduz os personagens protagonistas muito jovens com suas respectivas famílias. Essa primeira parte é uma narrativa da protagonista Hema e foca na dificuldade da menina, que ainda possui treze anos, em conciliar as visões de seus pais com a dela, uma vez que seus genitores ainda continuam prezando as tradições da Índia dentro de sua casa e, ao mesmo tempo, fora de casa, ela necessita viver os costumes norte-americanos. Junto a isso, essa primeira narrativa traz de volta aos Estados Unidos os personagens Kaushik, sua mãe Parul Di Mashi e seu pai, o Doutor Choudhuri, os quais ficam hospedados na casa dos pais de Hema enquanto procuram por uma nova morada. Durante esse tempo, Hema encontra-se nutrindo uma paixão não correspondida por Kaushik, o jovem e melancólico rapaz que não consegue manter nenhum vínculo com as pessoas e com os ambientes ao redor. Em relação as questões de choque cultural, a narrativa sugere que Hema começa a perceber o quanto os pais de Kaushik estavam diferentes do que é pregado pelas tradições de sua terra de origem, a

Índia, já que eles aderiram costumes totalmente americanos.

No segundo conto, “Fim de Ano”, a história é narrada sob a perspectiva de Kaushik, após a morte de sua mãe, verdadeiro motivo da família ter voltados para a América. Essa segunda parte se passa das vésperas de natal até depois do ano novo, 1987. Durante esse tempo, quase toda a narrativa nos sugere a extrema melancolia de Kaushik e seu luto pela perda de sua genitora, motivo pelo qual ele viaja quase toda costa nordeste americana, numa tentativa simbólica de enterrar as memórias ainda existente de Parul Di, sua mãe. Nesse percurso, ele se encontra ainda mais distante de suas origens, sejam elas espaciais ou familiares. O conto ainda destaca a nova família de seu pai: sua madrasta Chitra e suas duas irmãs postiças, Piu e Rupa. Kaushik, por não superar a perda da figura de sua mãe, não consegue manter tanta proximidade com seu pai, muito menos criar afetividade com a segunda família dele. Por consequência, ele demonstra um forte distanciamento com todas as pessoas com quem ele convive e isso o faz planejar uma viagem pela América do Sul depois da sua formatura, momento em que vem à tona a incapacidade extrema de se enraizar do protagonista.

Já o último conto, “Em terra”, narrado em terceira pessoa, descreve a vida de ambos personagens muito tempo depois da primeira narrativa, quando eles se reencontram em Roma: Kaushik, a passeio; e Hema, em atividade sabática. Nesse momento, o leitor é surpreendido pelo fato de Hema ter aceitado um casamento arranjado com Navin e pela descoberta da relação de dez anos que ela manteve com um homem casado. Quanto ao personagem masculino, descobrimos que Kaushik ainda permanece viajando pelo mundo, sem manter uma relação estreita com a sua família e sem vínculos com outras pessoas. Como fotógrafo, ele vive se hospedando de hotel em hotel, entrando e saindo de vários relacionamentos, sempre viajando para diferentes países. Em consequência de um encontro em um jantar de amigos, Hema e Kaushik se conectam novamente, visivelmente por conta dos laços daquela infância. Este novo encontro dos dois faz aflorar os sentimentos que eles têm um pelo o outro, desde suas adolescências. Entretanto, com a chegada do momento da partida de ambos, Kaushik, no desejo de estabilizar o relacionamento que estava tendo com ela, pediu que ela o acompanhasse para Hong Kong, onde tinha conseguido um emprego como editor de fotografias. Mas Hema recusa o convite, uma vez que o que Kaushik oferece não é a segurança da união que Navin pode lhe proporcionar. Novamente separados: ela vai para a Índia e ele para um resort na Tailândia, antes de chegar em Hong Kong. Em uma relação muito simbólica com o título “Em terra”, a narrativa finaliza com a morte do protagonista masculino no mesmo espaço aquático em que as cinzas de sua mãe foram lançadas. E, de modo também simbólico, Hema se fixa a um casamento que lhe possibilita a segurança que tanto procurava, além dessa união lhe presentear com um filho, fazendo da gravidez uma simbologia para o pertencimento de sua própria família.

2.A trajetória melancólica de Kaushik Choudhuri

Para entendermos a grande tristeza de Kaushik nos três contos, devemos primeiro nos atentar a algumas breves considerações sobre o que vem ser melancolia e quais são suas manifestações (a tristeza, a desilusão, o silêncio, a distância, a nostalgia, a insegurança) no personagem. Interessa-nos focar em como o sentimento da melancolia está relacionado à incapacidade de Kaushik não se agregar às relações familiares e nem se fixar nos lugares nos quais vive. Para tanto, nos deteremos em expor e dialogar com os teóricos aqui selecionados para nosso estudo.

A melancolia, em grego (μελαζ χολη). *Melan* (Negro) e *Cholis* (Bilis), era geralmente associada à Teoria Humoral de Hipócrates, criada entre o século IV a.C. e o Século XVII.

Segundo este estudioso, ela seria o excesso de sentimentos ou o excesso do líquido negro da bile, fazendo o ser humano ou o melancólico apresentar características como inércia, moleza, insônia, aversão à comida, baixo estima, inquietação, tristeza e pensamentos de devaneios, entre outros sintomas. Ainda segundo este filósofo, o melancólico apresentava-se isolado, desiludido, apaixonado, sempre focado em si e concentrado em pensamentos auto reflexivos.

Para os filósofos que primeiro tentaram entender e descrever essa presença de “mal-estar” no homem, a melancolia é definida como “‘a doença mental’, todo mal que afetava o homem: a perda da razão ou o adoecimento físico, era obra da punição ou vingança dos deuses”. (SANTA, 2009, p. 03). Aqueles que eram doentes, desanimados, propensos a tristeza, deveriam estar pagando por algum mal da alma ou de seus antepassados. Além disso, a melancolia também era entendida como um momento que há uma grande produção na mente, contrastando com o relaxamento do corpo. Hipócrates (400 a.C.) situa o melancólico como um ser abatido sem razão, obcecado por uma mesma ideia.

Ainda na filosofia, Aristóteles (340 a. C.) descreve a melancolia como um excesso em pessoas de cunhos artísticos:

[...] com Aristóteles a ideia de excesso ou desequilíbrio dos humores...
[...] é considerada presente principalmente entre os conhecidos como sujeitos de exceção. Estes sujeitos de exceção: os grandes gênios, filósofos, poetas e artistas estariam, pois, tomados por um excesso de bile capaz de torná-los melancólicos ou predispostos à melancolia. (SANTA, 2009, p. 04).

Através dessa passagem, outro elemento que pode ser destacado pelo melancólico é ser um artista por natureza, inato à produção artística por dom. Para Aristóteles, nesse quadro, o melancólico tem maior inclinação a criar, tem forte apelo por arte, por sexo, maior inclinação pelo o que se poder ser contemplado, uma vez que sempre esteja sujeito a processos de interiorização, reflexão e manifestação. Kaushik, como artista, era fotógrafo bastante peculiar, já que suas fotos registravam pessoas mortas ou cenários e ambientes de guerras, onde há maior propensão a tristeza.

Mas não foi só na filosofia que a melancolia esteve sendo estudada e descrita. Esse “excesso de sentimentos” ou “doença da alma” adentrou muitos outros campos de estudos, como: a astrologia, a medicina, a literatura, a ciência e a psicologia. No livro *O evangelho da podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*, Chico Viana (2013) expõe brevemente o conceito desse sintoma/doença da alma nas teorias acima citadas. Segundo o autor, junto a essas particularidades da personalidade de um melancólico, também poderíamos considerar que: “[...] a tristeza se transforma em nostalgia, evocação dolorida, incurável, de um tempo e de um espaço vazio” (VIANA, 2013, p. 34). Essa nostalgia incurável manifesta-se no indivíduo pelo seu abatimento em não estar satisfeito com algum desejo ou por algo que não mais lhe pertence e ao qual não pode ter acesso. Essa afirmação nos remete a Kaushik, pois seus sentimentos sempre foram propensos a saudades, principalmente da mãe morta. O autor também chama a atenção para a questão do melancólico está obcecado ou frustrado com uma paixão, um amor não correspondido, passando, assim, por um processo de um luto mais demorado, “[...] a explicação mítico-filosófica, cara aos românticos, e patente no reconhecimento desse vazio a ser preenchido – vazio consequente a uma perda”. (VIANA, 2013, p. 35). Nesse sentido, a figura melancólica encontra-se incompleta, atravessando um período ou um momento de saudades no qual o tempo, o espaço ou a figura perdida seria a única coisa capaz de lhe causar o sossego, a paz e ou satisfação.

Na psicologia, a melancolia ainda está diretamente mais associada a perda do objeto amando, mais especificamente na dor ou no empobrecimento do ego pela perda. Junto a isso,

há um forte estudo em relação a perda da libido pela figura amada ou desejada. O pesquisador Chico Viana chama atenção para um fato específico sobre esse ponto: “Não conseguindo, após a perda, ligar sua libido a outros objetos, o ego incorpora o objeto perdido a si” (2013, p. 36). Como consequência dessa incorporação, a perda faz com que o melancólico fique ligado ao seu desejo de necessidade, podendo haver episódios de lamentar e remoer essa ausência de reciprocidade que foi depositada no objeto/pessoa. Há também outra característica na personalidade de melancólico: eles buscam suprir essa ausência em outros objetos substituíveis, embora nunca sendo satisfatório, uma vez que o verdadeiro humor e sentimento de perda lhe provocará uma sensação de vasta incompletude.

Aprofundando-nos no entendimento sobre a melancolia através da psicologia, temos com Sigmund Freud, em 1917, seu livro *Luto e Melancolia*, que estuda e discorre sobre a ideia de diferença entre o processo de vivenciar um luto e vivenciar um episódio da melancolia. Ainda sem poder dar repostas concretas, o psiquiatra encaminha uma linha de entendimentos bastante sucinta, clara e lógica sobre o tema. Para o autor, esse estado de tristeza e distanciamento estaria ligado a fatores patológicos de luto, no qual, durante esse processo, haveria um agravamento e um desvio da conduta normal da vida. Assim, Freud nos diz que:

Os motivos que ocasionam a melancolia ultrapassam na maioria das vezes o claro acontecimento da perda por morte e abrangem todas as situações de ofensa, desprezo e decepção através das quais pode penetrar na relação uma oposição de amor e ódio ou pode ser reforçada uma ambivalência já existente. (FREUD, 2013, p. 40).

Para melhor uma compreensão da citação e do entendimento dessa ambivalência, poderíamos considerar que o ser, cujo humor seja melancólico, estaria ligado a algum objeto que põe sua libido em tensão e em ação, mas que, ao mesmo tempo, o faz sofrer pela ausência, carência do retorno de afeições/sentimentos. Em outras palavras, durante o momento de apego a identidade/objeto amado, a figura melancólica se depararia com seu ego fraco e inflado, que justamente resultaria nessa ambivalência, “ódio e amor combatem entre si: um para desligar a libido do objeto, outro para defender contra o ataque essa posição da libido” (FREUD, 2013, p. 45). Fazendo então uma superação desse estado de extrema sentimentalização e desse excesso de tristeza, o doente poderia desfrutar de algum entusiasmo e superar esse período de perda. Desse modo, sua libido estaria direcionando-se então para novas experiências.

Portanto, levando em conta o que apontamos anteriormente sobre a melancolia, podemos tecer alguns pontos importantes sobre o protagonista masculino das três narrativas do livro de Jhumpa Lahiri. De início, vemos que sua melancolia está relacionada com a perda de suas sucessivas mudanças culturais e espaciais, os Estados Unidos e a Índia. Além disso, a morte da sua mãe o deixa em estado de luto prolongado, desencadeando os sintomas melancólicos e nostálgicos descritos acima, uma vez que as narrativas sugerem uma obsessão em tudo que lhe resta de vestígios e de lembranças da sua genitora, deixando-o também em crises de pertencimentos nos seus relacionamentos.

No que se refere à análise do estado melancólico que se manifesta em Kaushik, logo de início, no primeiro conto “Uma vez na vida”, nos é sugerido que sua tristeza e seu isolamento são frutos da não familiarização com o novo ambiente que irá morar, já que teve de deixar para trás seus laços com a família dos pais, com a escola, com os amigos e com o lar na Índia. Ao voltar de Bombaim para Massachusetts, onde se hospeda na casa dos pais de Hema, Kaushik permanece sem conexão com o novo lar, sempre se apresentando distante das relações entre as duas famílias e, para Hema, o garoto parece distante também de sua própria família. Isso é aguçado pelo espaço que lhe é dado na nova casa: um quarto de menina.

Essa sensação de distanciamento que a protagonista observa nas relações de pertencimento familiar do personagem representa a incapacidade de Kaushik em acostuma-se à casa de Hema, nos Estados Unidos. Neste ponto, Kaushik teria colocado suas vontades de estar em sua casa, não morando como um hóspede, o que o faz parecer ficar distante, incapaz de se sentir à vontade naquele novo espaço. Como a narrativa está sendo contada pela protagonista, seus julgamentos sobre Kaushik constroem-se na imaginação de alguém que não aparenta estar bem, nem estar à vontade. Segundo Custódio, esse sentimento pode ser considerado “[...] um desejo de retornar a ‘casa’, desejo este alimentado pela saudade e pela necessidade que sentem de estar conectados com seu lugar de origem” (2013, p. 52). Hema também afirma ter ouvido dos pais de Kaushik que o jovem não está feliz pelo fato de ter voltado. E para confirmar suas hipóteses, num momento a dois, ela o questiona sobre detestar estar ali e Kaushik responde: “Eu gostava de morar na Índia” (LAHIRI, 2009, p. 276). Assim, entende-se que a perda do espaço que ele identificava como lar e o fato de viver em uma casa estranha fazem o protagonista masculino sentir-se em um estado saudosista e incompleto, provocando nesse um comportamento melancólico.

Sob o ponto de vista de Hema, a narrativa mostra que essa não é a primeira vez que Kaushik perde seu lar. Hema destaca que, quando ele era criança, deixou os Estados Unidos para morar na Índia. Isso é demonstrado quando ela observa fotos que seus pais tinham do dia da despedida da família Choudhuri. O fato de Kaushik não aparecer para tirar a fotografia é significativo, pois mostra que ele se distancia do registro de seu tempo no país onde nasceu. Vejamos na narrativa dela:

Não havia sinal de você, a pessoa em relação à qual eu mais estava curiosa. Quem poderia saber onde você fora se esconder no meio daquela multidão? Imagino-o sentado diante da escrivaninha no quarto dos meus pais, lendo um livro que trouxera consigo, esperando a festa acabar. (LAHIRI, 2009, p. 264).

Fazendo ligação com a melancolia e com o luto familiar, entendemos que, quando os pais de Kaushik decidiram deixar os Estados Unidos para morar em Bombaim, o personagem já vivia um luto por partir do país em que nascera. Em seguida, teve de voltar de Bombaim para os Estados Unidos novamente, abandonando a cultura no país onde cresceu e onde toda sua família estava, significativamente o lugar pelo qual ele já havia criado algumas raízes. Essa parece ser a primeira grande ação que impulsiona o desenraizamento do personagem, o que vai desencadear sua incompatibilidade de se fixar em algum lugar permanentemente.

É a partir desse momento que ele já não consegue mais compreender sua identidade nativa, sentindo-se distante de ambos costumes. Logo em seguida, “depois de passar pelo processo de ruptura com a tradição e da fragmentação de sua identidade individual, o imigrante entra em um novo momento, o da reconstrução do ‘eu’” (CUSTÓDIO, 2013, p. 54). Nessa reconstrução do “eu”, Kaushik passa a sentir-se incompleto por tentar construir vínculos ao voltar para Massachusetts. O rapaz, também se mantém indiferente com relação a Hema, a pessoa com quem ele tinha mais em comum, uma vez que ambos pertencem a segunda geração de imigrantes e não lidam bem com os embates das duas culturas, a ocidental e norte-americana.

E, por permanecer sempre indiferente com os outros moradores no mesmo espaço, Kaushik optava por usar seus passeios como fugas. Tal atitude o distanciava ainda mais das outras pessoas e se constituía uma forte manifestação da melancolia, pois “nas narrativas de Lahiri, o sentimento de solidão, por suas vezes, assola, os personagens” (CUSTÓDIO, 2013, p. 53). Essa atitude de voltar-se para si em isolamento pode ser identificada como uma marca do melancólico. Em relação a isso, Moacyr (2008) nos diz que: “o melancólico é magro,

pálido, taciturno, lento, silencioso, desconfiado, invejoso, ciumento, solitário – a solidão, aliás, é causa e consequência da melancolia, assim como a inatividade” (p. 136). Para isso, o personagem encontra uma maneira de se afastar: indo as compras para sua mãe a pé ou saindo para fotografar, caminhando sozinho durante horas debaixo de frio. Tudo isso demonstra uma incompatibilidade em manter um equilíbrio entre a vida social na América em oposição aos seus costumes sociais da antiga pátria.

Nos aprofundando em como esses sintomas da melancolia afeta Kaushik em sua incapacidade de estabelecer ou de criar laços, podemos destacar o momento em que ele conta a Hema sobre o segredo que tanto guardava: a doença de sua mãe. Isso mostra que sua ligação com a casa da protagonista e seu retorno ao Estados Unidos é totalmente em prol da saúde de Parul Di. Ao desenterrar seis lápides que pertenciam a uma família em que todos estavam enterrados juntos, Kaushik expressa seu desejo de ter raízes em algum lugar, mesmo após sua morte: “Isso me faz desejar que não fôssemos Hindus, para minha mãe poder ser enterrada em algum lugar. Mas ela nos fez prometer jogar suas cinzas no Atlântico” (LAHIRI, 2009, p. 285). Com base nisso, podemos considerar que, ao encontrar uma família que foi enterrada junta, formando e terminando suas raízes unidas, o personagem mostra um desejo, um princípio profundo em fincar-se em algum lugar de alguma forma definitiva. Moacyr (2009) afirma que essas características de cinho filosófico e espírita sempre acompanham os melancólicos, pois em suas palavras: “O temperamento melancólico é um temperamento metafórico, propenso, pois, à criação na filosofia, na poesia, nas artes” (p. 05). Esta primeira narrativa termina com Hema informando a sua raiva perante Kaushik, bem como nos informa que as famílias se separaram, pois os Choudhuri conseguiram sua nova morada e que ela, Hema, voltou ao seu quarto, retornando a sua rotina normal.

No segundo conto, “Fim de ano”, encontramos Kaushik anos depois da morte de sua genitora, quando seu pai o telefona para informar que havia se casado novamente e que espera o filho nas festividades de natal e do réveillon. Aceitando o convite do seu pai e, logo após deixar sua atual companheira, Jéssica, em uma fazenda localizada em Connecticut, o jovem melancólico se hospeda em sua casa novamente. Desde o primeiro momento, Kaushik já não apresenta estar bem na sua antiga morada com sua madrasta Chitra, muito menos por suas duas filhas mais pequenas. Sua primeira reação é criticá-la e compará-la com sua mãe, atribuindo a genitora elogios pelo fato de que, quando na mesma idade, já sabia inglês fluentemente, enquanto atribui defeitos a nova mulher de seu pai, comentando sobre seu sotaque e seu inglês razoável. Além disso, o protagonista começa a se comportar como se estivesse na casa de outra pessoa, como se fosse uma visita distante ao dizer: “Muito gostoso”, falei em vez disso, em bengali, referindo-me à comida, algo que minha mãe me ensinara a dizer depois de comer na casa dos outros” (LAHIRI, 2009, p. 302). Essa expressão, simboliza que, após seu pai oficializar sua união com Chitra, Kaushik não mais considera sua antiga morada, substituindo a ideia de sua casa pela casa de Chitra, uma mulher estranha na sua concepção. A ideia de estar em um espaço que não lhe pertence se confirma quando Kaushik tem que dormir no quarto de hóspedes, pois a suas irmãs postizas, Rupa e Piu, se instalam em seu antigo quarto. Por consequência, ele se reservou em um espaço mais afastado da casa de sua família: “O quarto de hóspedes ficava no primeiro pavimento da casa, em uma sala separada” (LAHIRI, 2009, p. 305), dando-lhe mais uma oportunidade de viver em isolamento e solidão.

Em outros momentos, o personagem demonstra sua tristeza através das manifestações de nostalgia, pelo fato de a casa lembrá-lo dos momentos antes da morte de Parul Di, como também pelo fato dele não gostar da presença de outra mulher na casa onde sua mãe esteve nos últimos momentos. Sendo assim, a narrativa mostra que Kaushik está sempre comparando as duas, sentindo-se distante dessa nova família de seu pai, sem nada para unir os

laços familiares. A presença de uma nova esposa do pai vai trazer para o protagonista masculino um sentimento tão ruim que lhe causa mal estar físico, vejamos no conto:

‘Do que precisa? Eu pego para você’, disse Chitra, seguindo-me. De repente, senti-me nauseado com sua presença, com a visão dela ali dentro da nossa cozinha. Não tinha lembranças de minha mãe cozinhando ali, mas o espaço conservava sua presença mais do que qualquer outra parte da casa (LAHIRI, 2009, p. 302).

Esse mal estar físico é uma manifestação da melancolia, que vai desde náuseas até vômitos, como explica Jackie Pigeaud em *Metáfora e melancolia: ensaios médicos-filosóficos*: “entre alguns desses doentes acrescenta-se uma bile abundante e negra que ataca o esôfago, de modo que eles vomitam e, ao mesmo tempo, seu pensamento é atingido” (2009, p. 123). Daí o porquê Kaushik sempre reclamar de náuseas e pensamentos confusos durante os contos. Além disso, entendemos que Kaushik não constrói intimidades com sua madrasta, já que não se acostuma as novas regras da casa, como por exemplo: a ausência do uísque na mesa de jantar, que para o jovem, era um costume registrado pelo seus pais tanto em casa quanto nos meses que passaram na casa de Hema; ou as críticas de sua madrasta sobre a arquitetura da casa que sua mãe projetou para seu conforto nos seus últimos dias. Desse modo, ele experimenta ainda mais a falta que a mãe lhe tem feito. Ainda sobre esses dois problemas: a inimizade com Chitra e falta da mãe, temos outra colocação de Jackie Pigeaud (2009), segundo o autor, “a melancolia é, pois, uma doença que coloca em questão a relação de si consigo mesmo e com os outros. Ela é aprendizagem ‘natural’ de si e da sociedade; sua cura implica que se consiga suportar a si mesmo e os outros” (p. 127). Por conta disso, notamos que o protagonista não se conhece por completo por conta de seus conflitos no que diz respeito a suas raízes, muito menos com os outros como foi destacado sobre seus comportamentos em relação as irmãs postizas e sua madrasta.

Já no que diz respeito aos embates culturais presentes nessa segunda narrativa, podemos citar o fato de Chitra sempre falar em bengali e Kaushik em inglês, dando a entender que ambos estão acostumados a se comunicar em sua língua de origem. E, quando ela tenta se comunicar em inglês, ele a responde em bengali, permanecendo um grau de distância. Por consequência, “[...] essa negociação acaba por distanciá-los de suas raízes e os leva a assimilar os hábitos culturais da pátria adotiva, tornando-os cidadãos que não pertencem a um, mas vários ‘mundos’” (CUSTÓDIO, 2013, p 55). Nesse sentido, a atitude do jovem demonstra seu desejo de se manter distante de qualquer possibilidade de entendimento com a sua madrasta. A sua escolha da língua aponta para um novo exílio dentro de sua própria casa, em relação à esposa do seu pai. De modo semelhante, ele acaba também se distanciando do pai, pois não consegue se abrir completamente com ele.

Essa falta de laços afetivos de Kaushik com seu pai e com sua madrasta também está relacionada com a nostalgia e o luto pela a imagem da mãe morta. Isso fica evidente quando a narrativa destaca o modo como ele lida com as lembranças dos objetos/pertences desta. Após o leitor perceber essa relação do protagonista com sua mãe, “[...] nesse ponto da história, começam a entenderem o que motivava o tédio, a distância e centrismo de Kaushik” (GÁMEZ-FERNÁNDEZ, 2016, p. 53, tradução nossa¹). Com relação à materialidade das lembranças físicas da mãe, o conto destaca que Kaushik não se mostra contente pelo fato de seu pai doar e se livrar dos objetos pessoais que lembram sua falecida esposa. Mas, mesmo querendo guardar o que era da mãe morta, ele parece não ter forças para lidar com a

¹ No original: “[...] at this point in the history, [...] of a bored, distant and eccentric Kaushik were motivated”

convivência com estes mesmos objetos de recordação. Assim, vemos o protagonista dividido, não querendo desapegar das memórias, mas aliviado por não ter que conviver com elas. Consequentemente, notamos que “essa narração é pontuada pela consciência do Dr. Choudhuri em remover os traços físicos de Parul, os quais são relativamente ambivalentes por Kaushik, quem equivalentemente odeia ou é agradecido a ele por isso” (GÁMEZ-FERNÁNDEZ, 2016, p. 53, tradução nossa²). Como o pai lida muito bem com os objetos que foram da esposa, seja doando para os outros ou retirando da sua visão e escondendo em caixas, brota no filho a sensação de que o pai vivenciou o luto da morte da esposa sem grandes conflitos. Já Kaushik parece que vive o luto de forma tão devastadora quando nos dias recentes da morte da mãe. O conto deixa claro que angustia o rapaz a substituição que o pai faz da mãe morta: “Eu não sabia o que era pior: a ideia de meu pai se casar de novo por amor, ou o fato de ele ter procurado deliberadamente uma desconhecida para lhe fazer companhia” (LAHIRI, 2009, p. 292).

Diante do fato de ter que lidar com três estranhas morando em sua própria casa, Kaushik romantiza a memória que tinha da casa de Hema, lugar que, agora, é percebido mais como um lar do que a casa de seus pais. Sobre esse ponto, Gámez-Fernández afirma que “[...] Kaushik suporta um processo de tanto odiar quanto ser agradecido ou ódio e nostalgia, respectivamente, em direção à época na casa de Hema e rumo a Chitra” (GÁMEZ-FERNÁNDEZ, 2016, p. 55, tradução nossa³), fazendo-o não reconhecer aquela casa do pai como um ambiente familiar.

Mesmo se sentido incomodado com o convívio em sua casa, Kaushik procura criar uma convivência pacífica, principalmente com suas irmãs postiças, Piu e Rupa. Mas tudo será rompido no um momento em que ele as encontra mexendo nos pertences de sua mãe morta. Nesse momento, ele tem um surto de nervosismo ao ver as meninas com uma caixa de fotos de Parul Di Mashi. Agravando a situação, ele pressiona as duas e as faz sentar de forma brusca na cama e, aos gritos, revela coisas das quais se arrepende para sempre. Quase que inconsciente de seus atos, Kaushik abandona Piu e Rupa sozinhas dentro de casa e sai em seu carro atravessando boa parte da costa litoral dos Estados Unidos.

Nessa fuga, Kaushik sente-se atraído pelas águas do mar enquanto atravessa a costa litoral, “que de vez enquanto margeava o oceano. [...] Não conseguia ver o mar, mas podia detectar seu cheiro salgado e o barulho espasmódico do vento” (LAHIRI, 2009, p. 329), além disso, ele permanece apegado às memórias da mãe, pois para ele: “era como estar morto: aquela minha fuga me permitia experimentar o tremendo poder que minha mãe possuía para sempre” (LAHIRI, 2009, p. 332).

Durante esse trajeto, Kaushik perde a noção do tempo, apenas tomando conhecimento do ano novo em um bar, no qual bebeu uísque. Logo em seguida, chega à fronteira do Canadá, gastando todo o dinheiro que seu pai lhe deu. Todo aquele clima que experimentava perto do mar o deixava melancólico e com saudades de Parul Di:

Em algum momento durante esse período o ano terminou [...] tive certeza de que, se minha mãe houvesse vivido o suficiente para visitar aquela parte do mundo, teria convencido meu pai a comprar para ela uma das centenas de casas pelas quais passei, com vista para o mar aberto muitas das quais ocupavam sozinha ilhas inteiras (LAHIRI, 2009, p. 332).

² No original: “This narration is punctuated by Dr Choudhuri’s conscientious removals of physical traces of Parul, which are regarded with ambivalence by Kaushik, who equally either hates or is grateful to him for it”

³ No original: “[...] Kaushik undergoes a process of either hatred and thankfulness or hatred and nostalgia, respectively, towards his time at Hema’s parents’ house and toward Chitra”

Através dessa fuga e com um grande desejo de resolver seus conflitos em relação as fotos dentro da caixa, certo dia, andando na fronteira do Canadá, o jovem melancólico encontra uma trilha tranquila e pouco habitada, onde haviam declives e pinheiros de cheiros fortes. É nesse calmo espaço que Kaushik experimenta uma forte energia que emerge do declive onde se pode desfrutar a brisa e a vista do mar. Por conta desse clima e desse cenário com o qual tanto se sentia familiarizado, o protagonista masculino decide que ali é um ótimo espaço para sepultar os últimos traços físicos de sua mãe. Numa tentativa de apagar e enterrar as poucas recordações que restam de Parul Di, o jovem faz um buraco onde coloca a caixa de fotos, no texto:

[...] Tornei a guardá-las na caixa e comecei a cavar o chão endurecido. Só tinha um graveto e uma pedra afiada para fazer isso, e o buraco não ficou grande coisa, mas era fundo o bastante para esconder a caixa. (LAHIRI, 2009, p. 334).

Nesse sentindo, o protagonista parece ritualizar um “enterro” da caixa de sapatos, fazendo um enorme esforço para superar a perda de sua genitora, despedindo-se e desapegando-se das fotos, talvez, sua última ligação no plano físico com ela. Nessa tentativa de enterrar seu passado, Kaushik encontra-se mais melancólico que antes, o que o leva a decidir viajar pela América do Sul depois de sua formatura.

Após seu pai anunciar que iria mudar-se para uma nova casa, a narrativa sugere que Kaushik se sente agradecido, quando ele diz: “[...] eu entendi que estávamos ambos gratos a Chitra por ter se sentido incomodada com o que quer que restasse do espírito da minha mãe no último lugar que ela chamara de lar, e por nos forçar a fechar suas portas” (LAHIRI, 2009, p. 335). Portanto, simbolicamente, o segundo conto termina mostrando a incapacidade de Kaushik em não considerar a segunda família de seu pai, nem sua casa como um lar.

No último conto “Em terra”, a melancolia de Kaushik está inteiramente ligada ao fato dele reencontrar-se com Hema na Itália, reascendendo todo seu passado, fazendo dessa ligação antiga sua atual companhia, companhia essa que tinha consciência da existência de sua dolorida bagagem. Desde o primeiro momento, ambos os personagens parecem desconectados dos lugares que vivem, pois “[...] no fim das contas eles desperdiçaram a vida inteira em um conflito entre o passado, o presente e o futuro, vivendo em exílio, procurando por uma casa” (RAHMAN, 2017, p. 2, tradução nossa⁴). Em Roma, Hema e Kaushik aproveitam semanas juntos, antes de ela voltar para a Índia onde se casará com Navin, casamento que representa para a personagem a segurança que sempre buscara. Já Kaushik fora contratado como editor de fotografia em Hong Kong, mostrando sua tentativa de fixar-se em algum lugar permanentemente, pois “o que o estava fazendo ir para a Ásia era a sua necessidade de uma vida diferente. A promessa, ao menos durante os próximos anos, de ficar no mesmo lugar” (LAHIRI, 2009, p. 352). Ou seja, uma vez que estivesse em maior integridade com o espaço que morasse, o personagem desagravaria seu estado permanente de “sem pátria”. Além disso, essa mudança para um novo continente o deixou melancólico, já que ele aprendeu a gostar da Itália, assim “a ideia de sair de Roma, deixava-o melancólico. Pois ele estava de partida; no ano novo não estaria mais ali” (LAHIRI, 2009, p. 352). Novamente Kaushik entra em luto, dessa vez pela diáspora de locomove-se para Hong Kong. Essas desconexões com os lugares de morada e a incapacidade de superar a morte de Parul Di Mashi

⁴ No original: “[...] ultimately spend their entire live conflicted between the past, the present and the future, living in exile, searching for a home”

dirigem Kaushik a ter uma vida de nômade.

Com a chegada do momento da partida de ambos, Kaushik pediu a Hema que o acompanhasse para a Ásia. Mas Hema recusa o convite, uma vez que o que Kaushik oferece não é a segurança da união que Navin pode lhe proporcionar. Consequentemente, ambos se voltam a separar, ela indo para Índia e ele para um resort na Tailândia, onde sofre de uma melancolia saudosa, ocasionada por diferentes fatores, inclusive pela culinária, pois “ao longo da vida havia se adaptado a muitas culinárias diferentes. Mas aquela comida o fez sentir uma estranha melancolia” (LAHIRI, 2009, p. 371). Nesse espaço, Kaushik arrepende-se por ter ficado furioso com Hema, sentindo saudades suas.

Numa relação muito simbólica com o título “Em terra”, a narrativa finaliza com a morte do protagonista masculino no mesmo espaço aquático em que as cinzas de sua mãe foram lançadas. Também de modo simbólico, Hema se fixa com um casamento que lhe possibilita a segurança que tanto buscou, além dessa união com Navin lhe presentear com um filho, fazendo da gravidez uma grande representação ao pertencimento de sua própria família. Vejamos na narrativa:

A essa altura, eu já não precisava de nenhuma prova de sua ausência do mundo; sentia-a de forma tão cristalizada e implacável quanto as células que se multiplicavam e tomavam forma dentro do meu corpo. [...] O filho poderia ser seu, mas não era o caso. Tínhamos sido cuidadosos, e você não deixara nada para trás” (LAHIRI, 2009, p. 380).

Levando em conta o elemento simbólico em que Kaushik morre, a água, podemos tecer alguns comentários para entender o final do personagem. Segundo o *Dicionário de símbolos*, “[a]s significações simbólicas da água podem reduzir-se a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 15). Aqui temos um sentido positivo, vendo o elemento líquido como fonte de vida, de renascimento. Usando este sentido para o estudo do conto, vemos que a morte de Kaushik ocorre em um espaço de positividade, pois ele oferece um retorno do jovem ao elemento mais adorado de sua mãe morta: a mãe teve suas cinzas jogadas no mar; pedia ao filho para “levá-la de carro até o mar” (LAHIRI, 2009, p. 295), mesmo estando doente; ela escolheu a casa de morada pela existência de uma piscina, “minha mãe usava a piscina religiosamente, nadando quarenta trajetos de ida e volta” (LAHIRI, 2009, p. 371). Assim, o conto mostra que o elemento água está associado à mãe morta.

Ainda levando em conta o sentido do termo água, vemos que alguns estudiosos fazem ligações entre as águas com o feminino. Isso fica evidente no seguinte trecho ainda do *Dicionário de símbolos*: “[n]as tradições judaica e cristã, a água simboliza, em primeiro lugar, a origem. O mem (M) hebraico simboliza a água sensível: ela é mãe e matriz (útero)” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 16). Segundo Gaston Bachelard, “[a] água mistura aqui seus símbolos ambivalentes de nascimento e morte. É uma substância cheia de reminiscências e de devaneios divinatórios” (BACHELARD, 1997, p. 93). Ao explorar o sentido de morte que este elemento carrega, Gaston Bachelard, fazendo uso das palavras de Jung, afirma que:

O desejo do homem [...] é que as sombrias águas da morte se transformem nas águas da vida, que a morte e seu frio abraço sejam o regaço materno, exatamente como o mar, embora tragando o sol, torna a pari-lo em suas profundidades... Nunca a Vida conseguiu acreditar na Morte! (BACHELARD, 1997, p. 75).

Desse modo, a morte do protagonista masculino desses três contos deve ser entendida como um retorno ao ventre materno, o primeiro espaço que ele perdeu ao nascer. Assim, através da morte nas águas, ele consegue um vínculo com sua mãe, o ser de quem ele mais sente falta e de cuja perda ele não conseguiu se livrar.

3. Considerações finais

Em relação a tudo que foi exposto até aqui, nossa leitura, se limitou em fazer um estudo da melancolia no personagem Kaushik, entendendo essa manifestação/sintomas como uma força motriz na sua incapacidade de fixar-se por completo nos lugares em que vivia. Desse modo, nossa leitura pôde trazer uma breve discussão acerca da melancolia através de vários teóricos como Sigmund Freud, Moacyr Scliar e Chico Viana, os quais explicam alguns dos sintomas e das manifestações da doença para, em seguida, propormos relacionar esses sintomas com o personagem protagonista através de seus dilemas de identidade cultural. Junto a isso, discutimos nessa pesquisa sobre o sentimento de Kaushik quanto ao luto pela perda da mãe, Parul, uma vez que esse sentimento o deixava nostálgico e impossibilitado de criar novos laços afetivos com a segunda família de seu pai. Expondo, assim, o quanto o protagonista carregava uma incapacidade de construir sua identidade nativa nos três contos da segunda parte da obra.

Em segundo momento, o estudo propôs um diálogo mais profundo acerca das manifestações melancólicas de Kaushik, atentando-se em expor e analisar os pequenos detalhes encontrados nas passagens das narrativas, como os fatores dos ambientes que vivia e que o irritavam e o levavam a se manter isolado das pessoas em sua volta. Além desses aspectos, foi possível também, expor os embates culturais que o distanciavam ainda mais de sua cultura natal e agravavam suas dificuldades em conviver com a pátria adotiva.

Em conexão a esses elementos, direcionamos a análise da melancolia do personagem para uma perspectiva simbólica, na qual explicamos partes e trechos dos contos através do *Dicionário de símbolos* e de trabalhos que discutiam sobre a grande simbologia por trás do elemento água, muito presente na narrativa e que tem forte relação com a mãe do protagonista. Portanto, o trabalho contribuiu não só para a discussão e compreensão da desterritorialização do personagem em virtude de sua melancolia como também para o entendimento da nostalgia pela figura da sua genitora.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, número*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- CUSTÓDIO, F. S. A fragmentação do eu e a construção de novas identidades em contos de Jhumpa Lahiri. In: *Alluni – Revista Discente da UNIEABEU*. V. 1. n.º. 1 janeiro – de julho de 2013, p. 52-55.
- FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*. [Trad. Marilene Carone]. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 31-47.
- GÁMEZ-FERNÁNDEZ, Cristina M. Delusion and defeat in the short-story sequence ‘Hema and Kaushik’ from Jhumpa Lahiri’s Unaccustomed Earth. In: *South Asian Diaspora*, 2016, Vol 8, NO. 1, p. 49-62. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1080/194338192.2015.1092299>
- LAHIRI, Jhumpa. *Terra descansada*. [Trad. de Fernanda de Abrel]. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- PIGEAUD, Jackie. Prolegômenos a uma história da melancolia. In: *Metáfora e melancolia: ensaios*

- médicos-filosóficos*/ Jackie Pigeaud; seleção de textos, tradução e prefácio: Ivan Frias. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Contraponto, 2009.
- RAHMAN, Srijoni. From Roots to Rhizomes: Hybrid, Diasporic Identities in Hema and Kaushik. In: *New voices in Asian research*. Vol. 01 NO° 02, 2017. p. 02.
- SANTA CLARA, C. J. S. *Melancholia: da Antiguidade à Modernidade*. Uma breve análise histórica. *Mental* (Barbacena), v. 7, p. 13, 2009.
- SCLIAR, Moacyr. O nascimento da melancolia. In: *Ide psicanálise e cultura*, São Paulo, 2008, 31(47), p. 133-138.
- SCLIAR, Moacyr. A melancolia na literatura. In: *Cad. Bras. Saúde Mental*, Vol 1, no1, jan-abr. 2009 (CD-ROM), p. 1-12.
- VIANA, Chico. *O evangelho da podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*. Universidade Federal da Paraíba: Editora Universitária, 2013.